



Fotojornalismo na internet: interatividade x imediaticidade¹

Gessica Gabrieli VALENTINI²

Márcia Franz AMARAL³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

A internet exige rapidez, assim como a interatividade neste meio aparece como crescente e irreversível, inclusive no jornalismo. No entanto, muitas vezes os critérios de seleção e apuração são insuficientes para evitar incidentes como a fotomontagem publicada pelo portal UOL, logo após o acidente com o avião da TAM, em agosto de 2007. Este artigo se propõe justamente a discutir o fotojornalismo na internet, a partir deste caso, procurando expor todos os desafios, técnicos e éticos, dos profissionais e veículos na rede mundial de computadores.

Palavras-chave: fotojornalismo; internet; interatividade; uol; fotomontagem

1 Introdução

“Boom”, quase um novo big bang. A internet foi assim considerada por muitos, ovacionada, tratada como revolução. Não há dúvidas que o surgimento desta ferramenta tenha sido decisivo para os rumos da globalização e da comunicação, mas muitos questionamentos estão passivos, embora necessários. Um deles é o Jornalismo, neste artigo mais especificamente o fotojornalismo.

Muitos aspectos permeiam esta questão e as pesquisas e análises sobre o fotojornalismo na rede mundial de computadores são escassas. Desta forma, ocorrem casos como o da UOL, no dia seguinte ao acidente com o avião da TAM, em agosto de 2007.

O jornalista Jorge Carlos Ferreira afirmou, num artigo apresentado à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação –Intercom-, que a Internet é mais que uma tecnologia que permite o acesso à informação e em que os sujeitos são meros usuários. Estes sujeitos são, na verdade, seres sociais que (re)constroem

¹ Trabalho apresentado no GT – Cibercultura e tecnologias da comunicação, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante de Graduação, 7º semestre do curso de Jornalismo da UFSM, email: gessicavalentini@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professora da disciplina de Teorias do Jornalismo, da UFSM



intersubjetividades no processo de “navegação”, transformando esta tecnologia em tecnologia social.

Foi um processo sem limites da participação, da interatividade - principal argumento dos que defendem a internet como “revolução”. Na busca por leitores neste meio, o Jornalismo procurou recursos que incluem os espaços “você repórter”, blogs e colunas alimentadas e até administradas pelos próprios leitores.

O problema, no entanto, é que em muitos casos não houve critérios jornalísticos que justificassem, nem suportes para que a notícia seja posta sob a lente da credibilidade, da veracidade.

O caso analisado ocorreu durante a cobertura do acidente com o avião da TAM, em agosto do ano passado. Um internauta enviou uma foto em que aparecia um corpo em chamas, jogando-se do prédio atingido, e a foto, que se tratava de uma fotomontagem, foi publicada na página inicial do portal. Diante disso, faço um pequeno apanhado do webjornalismo, após do fotojornalismo na web e em seguida dos procedimentos da equipe do portal diante do acontecimento, esta a partir das discussões da disciplina de Teorias do Jornalismo.

2 O Jornalismo na Web

Não há dúvida que com a internet as práticas jornalísticas foram afetadas, a quantidade de informações se multiplicou e a própria necessidade do jornalista questionada. Pierre Lévy, considerado um dos maiores estudiosos da área, chegou a afirmar que o jornalista desapareceria, pois, afinal, todos têm acesso e podem disponibilizar informações na web, sem necessariamente serem jornalistas.

Este quesito é denominado pelos pesquisadores como interatividade. Bardoel e Deuze (2000) afirmam que a notícia online possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sinta-se parte do processo. Esta participação acontece pela troca de e-mails até através de chats, fóruns de discussão, coluna de opiniões e mais recentemente a moda do “você repórter”.

Palácios e Mielniczuk (2001) dão ainda outros dois conceitos que se encaixam na análise do tipo de interatividade no caso do acidente da TAM. O primeiro deles é a Customização do conteúdo ou personalização, que também diz respeito ao banco de imagens, em que é dada ao usuário a possibilidade de enviar fotos para complementar a notícia.



É assim que a internet aparece, como um espaço multimídia e uma alternativa de comunicação, de participação coletiva, embora nada seja definitivo e todas as discussões são apenas o começo de qualquer definição.

2.1 Fotojornalismo na Web

Há diversos aspectos que permeiam o fotojornalismo, em qualquer área. Desde a primeira câmera até a tecnologia digital, muita coisa mudou na prática jornalística. A imagem veio para dar credibilidade à informação, além melhorar esteticamente as publicações e facilitar a leitura. Nesta fase, os fotojornalistas se tornaram importantes ferramentas da comunicação. Porém, muita coisa mudou desde então.

Na internet, com a predominância do “Tirou fotos, mande”, já não é mais somente o repórter o responsável pelas fotos que vão acompanhar o texto. Com um clique, ainda estimulado a fazê-lo, o usuário pode enviar, visualizar outras fotos, salvar, sem custos e sem necessariamente possuir uma máquina digital de última geração.

Segundo o site da *National Press Photographers Association*, órgão inglês, a manipulação fotográfica já era feita no início do século XIX. Prova disso é o famoso caso das fadas supostamente fotografadas por duas adolescentes. Em 1917, as duas inglesas conseguiram incluir na foto a figura de uma fada, enganando primeiramente Sir Arthur Conan Doyle, autor das aventuras de Sherlock Holmes e depois os próprios peritos da época, que declararam que os negativos não haviam sido alterados. Hoje, é fácil constatar que se trata de uma montagem.

Depois disso, seja através de avançados equipamentos ou *softwares* de edição (Photoshop, Corel, etc.), com a tecnologia digital é possível operar verdadeiros milagres. É possível modificar fotos a ponto de transformar a versão original, sem que seja possível perceber qualquer alteração, até mesmo por peritos.

Se mesmo com profissionais acontecem falhas éticas, por má fé ou não, o risco disso ocorrer sem a profissionalização é ainda maior. Prova disso é o caso analisado a seguir.

2.2 A fotografia polêmica: análise do caso



Com o acidente do avião da TAM, no dia 10 de agosto de 2007, a cobertura jornalística revelou-se quase histérica. Notícias praticamente segundo a segundo, informações desencontradas, reavaliadas e o que não faltou foi “contrário ao que divulgamos anteriormente...”. A internet mostrou-se a aliada do tempo real, porém a questão da credibilidade apresenta-se agora como ferramenta indispensável, norteadora dos ajustes necessários.

A participação da imprensa no acidente não só foi importante, como os parentes souberam o nome das vítimas através de uma emissora de rádio. Antes que houvesse qualquer pronunciamento oficial ou de técnicos, o Jornal Nacional já anunciava que a causa do acidente teria sido um “deslize”, literalmente: “o avião derrapou na pista e depois bateu”.

A interatividade foi aliada dos meios de comunicação e imagens amadoras de vídeo e fotografias do acidente foram divulgadas na TV e na internet. Por outro lado, houve um estímulo quase desnecessário. No blog “você manda”, do UOL, minutos após a divulgação da tragédia já havia um link, dizendo “Tirou fotos da tragédia? Mande!”

Uma destas fotos foi justamente a que causou polêmica, por se tratar de uma fotomontagem. Enviada por um internauta que assinava como Junior Ferrarye, a imagem não apenas foi publicada no blog destinado ao usuário, como foi utilizada para compor a página inicial do portal, sem que antes houvesse sequer uma checagem.

Com o título “flagra de internauta: pessoa pula de prédio em chamas”, a foto foi postada no blog às 11h19 da manhã e às 12h20 já estava na página inicial.

Menos de meia hora depois, às 12h48, um leitor já alertou para o fato de se tratar de uma montagem. Antes das duas horas da tarde outras dezenas de manifestações se



somaram. Ainda assim, a foto só foi retirada da página inicial às 14h20, mas continuou no blog do leitor.

É interessante constatar, ao digitar “Junior Ferrarye” no Google, que nenhum resultado é obtido, o que nos leva a crer que além de ter manipulado a foto o internauta ainda escolheu um nome fictício para evitar problemas pessoais e judiciais. Teria sido uma boa maneira de suspeitar da montagem, se a pesquisa tivesse sido feita.

Porém, mais grave do que isso foi a dimensão do fato comparada à importância dada a retificação. Até o fim da tarde a única retratação foi publicada no espaço de ‘Erramos’, além de um pequeno comentário no espaço do leitor, mas na página inicial nada foi veiculado.

Só então, por volta das 16h, a ombudsman pediu uma explicação à redação e publicou a retificação no “home” do portal. Todos estes dados, com o horário exato de cada ação, foi retirado da retificação escrita pelo gerente geral de notícias do UOL, Rodrigo Flores, diante da exigência da ombudsman.

Na explicação ele lamenta a divulgação incorreta, “não importa se ela vem da redação ou de uma contribuição do público”, mas suas palavras admitem até mesmo um descaso ou falta de confiança no internauta que alertou para a fotomontagem.

“[...] Diante desses avisos, a redação consultou a Gerência de Interface do UOL. Na opinião deles, parecia ser uma fotomontagem e merecia investigação. Assim, a equipe de UOL Fotoblog passou a olhar álbuns da concorrência em busca de alguma foto que se assemelhasse a essa (ou seja, tirada por outra pessoa de outro ângulo) ou que fosse idêntica, exceto por algum detalhes (ou seja, a foto original sobre a qual teria sido feita a fotomontagem)”.

Ainda que a investigação estivesse ocorrendo, a foto continuava na página inicial do Portal e os comentários sobre a foto se intensificavam. Alguns dos argumentos daqueles que apontavam o erro eram pertinentes, como:

- A luz que ilumina o corpo é diferente da luz ambiente
- O tamanho do corpo é absolutamente desproporcional ao tamanho do edifício.
- Nenhuma câmera de celular como a que supostamente foi utilizada para tirar a foto possibilita o controle manual da velocidade de obturação, o que tornaria impossível fotografar um corpo em queda livre com tamanha nitidez (e sem perda de luz no resto da foto).
- Oito minutos após o acidente ainda não havia escurecido completamente.



Às 13h45 a redação encontrou uma foto idêntica à enviada pelo internauta, sem a imagem do corpo que caía. Meia hora depois a foto foi retirada do portal, mas continuou por um tempo considerável no espaço do leitor.

A participação do leitor/internauta no jornalismo é um processo inevitável e irreversível. A interatividade é uma característica da web e é principalmente ela que instiga tanto a idéia da TV Digital, por exemplo. Porém, debates sobre os limites desta participação ainda estão longe de serem delimitados, se é que isto é possível.

Além disso, o caso evidencia a necessidade de profissionalização da informação, que neste caso ainda não foi suficiente. Para ser publicada na página inicial do portal a foto passou pelo “olhar” de diversos profissionais, que estavam teoricamente preparados para ficar com o pé atrás em relação à manipulação digital.

Talvez possamos justificar a credibilidade dada à foto, pois esta ainda traz implícito do mito da “objetividade”. Por muito tempo, inclusive, afirmava-se que uma imagem vale mais do que mil palavras e que a “verdade” ali está, inquestionável. Conforme Tchuman, citado por Traquina, devido a uma controversa apresentação de fatos, os jornalistas invocam a sua objetividade quase como um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos. Assim, a objetividade apresenta-se somente como ideal, impossível de ser alcançado por diversos aspectos, que numa foto começa já com o ângulo escolhido pelo fotojornalista. Por outro lado, estamos “vendo”, o que nos faz esquecer de tudo o que pode estar por trás de uma lente ou de uma produção, embora a fotomontagem prove que a verdade é relativa e sempre questionável.

Neste emaranhado de informações e aspectos discutíveis, a imprensa aparece como necessária, para filtrar, selecionar o que é mais importante, apurar e chegar o mais próximo possível da “objetividade”. Pelo menos é isto que espera o leitor ao acessar um portal de comunicação. É interessante constatar que mesmo com um milhão de sites para pesquisarmos notícias, nos habituamos, seja por falta de tempo ou credibilidade, a acessar apenas alguns.

Mesmo inconscientemente, somos levados a isso para evitar fenômenos como a entropia, definido por Antonio Hohlfeldt, no artigo “Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação”, como um excesso de informações que se não trabalhadas devidamente pelo receptor se perdem ou geram situações inusitadas, deflagradas pelo que McCombs denomina “efeito de enciclopédia”. Informações demais, em muitos veículos, entre os quais precisamos optar por um ou apenas alguns.



As proporções do acidente justificam o valor notícia, mas por outro lado podemos questionar a importância dada ao caso pela imprensa e à foto pelo UOL.

Considerando a hipótese do Newsmaking, vários aspectos poderiam ser analisados, tanto para justificar este fato como notícia, como para a importância dada à foto.

As convenções de organização deste trabalho determinam e definem o que seja notícia e legitimam o processo produtivo das mesmas, constituindo o conceito de noticiabilidade, ou seja, a aptidão potencial de um fato para se tornar notícia. (HOHLDFELDT, p. 208.

A noticiabilidade, segundo o newsmaking, depende muito da cultura profissional, ou seja, dos códigos, símbolos, perspectivas em relação aos meios de comunicação. Por sua vez, a noticiabilidade está regrada por valores-notícia, que são um conjunto de elementos e princípios, através dos quais os acontecimentos são avaliados e transformados em notícia, ou não. Para entendermos melhor o motivo pelo qual tanta importância foi dada ao fato, o newsmaking cita cinco grandes categorias, entre as quais a acidente se encaixa já no primeiro grupo, das categorias substantivas. Neste, dois aspectos principais são analisados. O primeiro é a importância, na qual se considera o grau hierárquico dos indivíduos, o impacto sobre a nação e o interesse nacional, a quantidade de pessoas envolvidas e a relevância e significação do acontecimento quanto a potencial evolução e consequência.

Em termos práticos, considerando esta categoria, o acidente envolveu inclusive um deputado federal e um ex-presidente de um grande clube de futebol, além de tirar a vida de 199 pessoas. Além disso, o caso ocorreu em meio à “crise aérea”, que há algum tempo ocupava os noticiários e parecia estar longe do fim.

A segunda categoria deste grupo é o interesse, que leva em conta a capacidade de entretenimento, o interesse humano e a composição equilibrada do noticiário. Sem dúvida, o acidente, com sua dimensão, é a inusitada situação capaz de atrair, de captar a atenção e fazer com que o leitor/ouvinte/espectador queira ver mais. Como bem define Hohlfeldt, estas características tanto podem beneficiar como descambar para o sensacionalismo. Se tratando de uma tragédia, isto não só é possível como ocorreu ou pelo menos beirou a isso, e a fotografia “com o corpo em chamas” é um exemplo.

O terceiro grupo, das categorias relativas à concorrência, também evidencia o que de fato ocorreu e justifica a pressa em publicar uma foto, sem sequer cogitar a possibilidade de ser uma fraude. Uma das principais categorias do grupo é justamente a



exclusividade ou furo. Afinal, todos os veículos de comunicação estavam divulgando o acidente, as informações oficiais eram as mesmas para todos, e nesta “briga” para divulgar o novo a foto foi uma aliada - o diferencial que qualquer veículo gostaria de ter. Isto fica evidenciado na declaração do gerente de conteúdo, que admite terem procurado na concorrência a prova necessária para considerar a foto uma montagem.

Continuando, a foto tornou-se tão importante pois, além de furo, trazia algo singular: um corpo em chamas. Neste sentido, podemos utilizar a definição de Adelmo Genro Filho, para quem o Jornalismo é uma forma social de conhecimento, mas não de um conhecimento qualquer e sim de um conhecimento cristalizado no singular. O acidente, por si só, é algo singular, afinal uma tragédia como esta não ocorre todos os dias, ainda mais em meio a uma crise aérea desencadeada por outro acidente de grandes proporções.

Ainda assim, mesmo singular e numa “guerra” por aspectos “singulares”, diante de tantos casos de manipulação digital, parece inevitável que os jornalistas, principalmente de internet, mantenham um “pé atrás”, uma necessária desconfiança. Diante dos argumentos, temos a impressão que a montagem era realmente grosseira para quem entende o mínimo de recursos digitais. Porém, ainda que não seja perceptível a todos, inclusive jornalistas, se houvesse a desconfiança e o cuidado o caso seria investigado e a publicação nunca teria sido feita.

Além disso, foi somente em agosto do ano passado, durante o Congresso Nacional dos Jornalistas, que o novo Código de Ética foi aprovado com cláusulas que contemplam o fotojornalismo. Trata-se das cláusulas V e VI do artigo 12:

Art. 12. O jornalista deve:

V - rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações;

VI - promover a retificação das informações que se revelem falsas ou inexatas e defender o direito de resposta às pessoas ou organizações envolvidas ou mencionadas em matérias de sua autoria ou por cuja publicação foi o responsável (FENAJ, 2007)

Ainda que todos os fotojornalistas sejam (ou devam ser) jornalistas e portanto de alguma forma tenham sido contemplados na versão anterior do Código de Ética, com todos os recursos digitais havia a necessidade de alguns limites, pelo menos a discussão da necessidade.



Enquanto nada sequer era discutido, a National Press Photographers Association, dos EUA, em 1991 já alertava para necessidade de uma atenção especial às “recentes tecnologias eletrônicas que criam novos desafios à integridade das imagens fotográficas”, conforme documento publicado na época. Entre as regras do novo código da instituição, aprovado em 2004, estão:

- Não interferir, modificar, teatralizar, dirigir, manipular, etc, a situação a ser fotografada. A única exceção é o retrato formal, quando é posada;
- Não manipular a foto em Photoshop de maneira que modifique o conteúdo. As ferramentas permitidas são: Levels, Contrast e Sharpen. Nada mais;
- Identificação clara na legenda quando a foto for de divulgação ou se tiver sido revisada por algum órgão institucional (normalmente algum comando de forças armadas, em caso de guerra).

É claro que códigos de ética servem somente para permear a conduta profissional. Seguir, ou não, depende da moral de cada indivíduo. Charles Guerra, fotógrafo do Diário de Santa Maria, afirmou que acha desnecessário ter que “avisar” o leitor quando há alguma modificação na foto, pois a maioria faz, inclusive, montagens na cena, que deveria ser “natural”.

Contudo, embora com tantos argumentos, é impossível afirmar qualquer coisa com certeza. Errar é perdoável e retificar necessário, mas diante disso é possível afirmar que checar é indispensável para garantir o que sustenta o Jornalismo: a credibilidade.

3 Conclusão

Certa vez, fui testemunha de uma cena no mínimo inquietante. Um menino, com não mais de cinco anos, fitava aturdido sua imagem num pedaço de papel. “Como pode”, indagava ele, “eu estou aqui e ali, preso”. Todos riram da cena, e o menino ficou sem uma resposta. Hoje, as múltiplas possibilidades espantam qualquer um, ainda que conheçamos minimamente os processos de digitalização. É quase uma briga entre “gênios” para ver quem transforma antes a inteligência em máquina. Talvez por isso, com as constantes e intermináveis mudanças, Marcos Palácios afirme com tanta convicção que é praticamente impossível dar um conceito do que é a internet e o próprio Jornalismo online.

Da mesma forma, durante um semestre, na disciplina de Teorias da Comunicação, estudamos as conceituações e a inexistência de uma teoria acabada do



que seja o Jornalismo. Acho que podemos dizer “felizmente”. Por outro lado, me surpreendi, ao procurar artigos e pesquisas que me dessem um suporte teórico, com a quantidade ínfima de artigos que discutissem a comunicação da internet, e menos ainda sobre fotojornalismo. Se considerar o caso particular no meu trabalho, confesso que foi quase uma decepção não encontrar uma análise em nenhum site de comunicação, seja no Observatório da Imprensa, no Comunique-se, Fenaj ou blogs de jornalistas que discutem a imprensa. Fiquei pensando por um momento se somente eu e alguns poucos blogueiros teríamos considerado tão grave este episódio.

De um modo geral, a tradição do fotojornalismo foi aos poucos atropelada pelo multiprofissional e prova disso é a própria dificuldade em encontrar bons fotojornalistas ou pesquisas na área. Em todo o País há somente dois cursos de especialização (Um no Rio de Janeiro e outro no Paraná) e os cursos de Jornalismo ficam carentes de professores – que necessitam de no mínimo um mestrado para dar aulas. Conseqüentemente, grande parte das aulas de fotojornalismo são ministradas por quem entende de Jornalismo, mas nunca ou pouco trabalhou na área, e quem ocupa o mercado constantemente são fotógrafos que sabem muito bem o que é uma boa foto, enquadramento, mas que durante toda a vida fotografaram corpos e flores e não entendem nada ou pouca coisa sobre Jornalismo.

Com o advento da máquina digital e da internet isto se agrava, pois é mais cômodo esperar a foto por e-mail, do internauta, do que ir até o local do fato, com todos os custos que isso inclui. Contudo, casos como este analisado evidenciam a necessidade não só de profissionais, mas de profissionais preparados para trabalhar com as tecnologias, além de utilizar os velhos processos de checagem de informações e procedência.

A interatividade é realmente irreversível e a tendência é que o usuário, no Jornalismo online, participe cada vez mais. Porém, a responsabilidade do que é veiculado é sempre do veículo e, portanto, os mesmos critérios devem ser empregados na apuração de notícias e fotografias enviadas pelo internauta. Mais do que isso, são necessárias discussões acadêmicas e no meio profissional sobre as Teorias do Jornalismo. Elas não só possibilitam que tomemos cuidado durante a produção de notícias, quanto entendamos cada processo, o curso das notícias e da imprensa.

4 Rerefências Bibliográficas



BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. Network Journalism. Disponível em <http://home.pscw.uva.nl/deuze/pul19htm>.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação, em **Teorias da Comunicação - Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Vozes: 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura - relatório para o Conselho da Europa no quadro do projeto "Novas tecnologias: cooperação cultural e comunicação"**, Lisboa: 2000

MIELNICZUK, Luciana. **Narrativa Jornalística e Escrita Hipertextual: considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web**. Trabalho apresentado no GT de Jornalismo do X Encontro Nacional da COMPÓS – Brasília: 2001.

.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, informação e memória. Comunicação apresentada nas jornadas de Jornalismo Online**. Porto: Universidade da Beira Interior: 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Vol I. Florianópolis: Insular, 2004

WOLTON, Dominique, **E depois da Internet? - para uma teoria crítica dos novos mídias**. Lisboa: Difel, 2000.

Site: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>, acessado em 15/12/2007, às 11h23

Site: www.revistaepoca.globo.com, acessado em 18/12/2007, às 20h45

Site: www.nppa.org.br, acessado em 03/01/2007, às 18h15

Site <http://imezzo.wordpress.com>, acessado em 07/12/2007, às 21h49